

**IBERÊ E PORTO ALEGRE**  
NO ANDAR DO TEMPO





Fundação Iberê

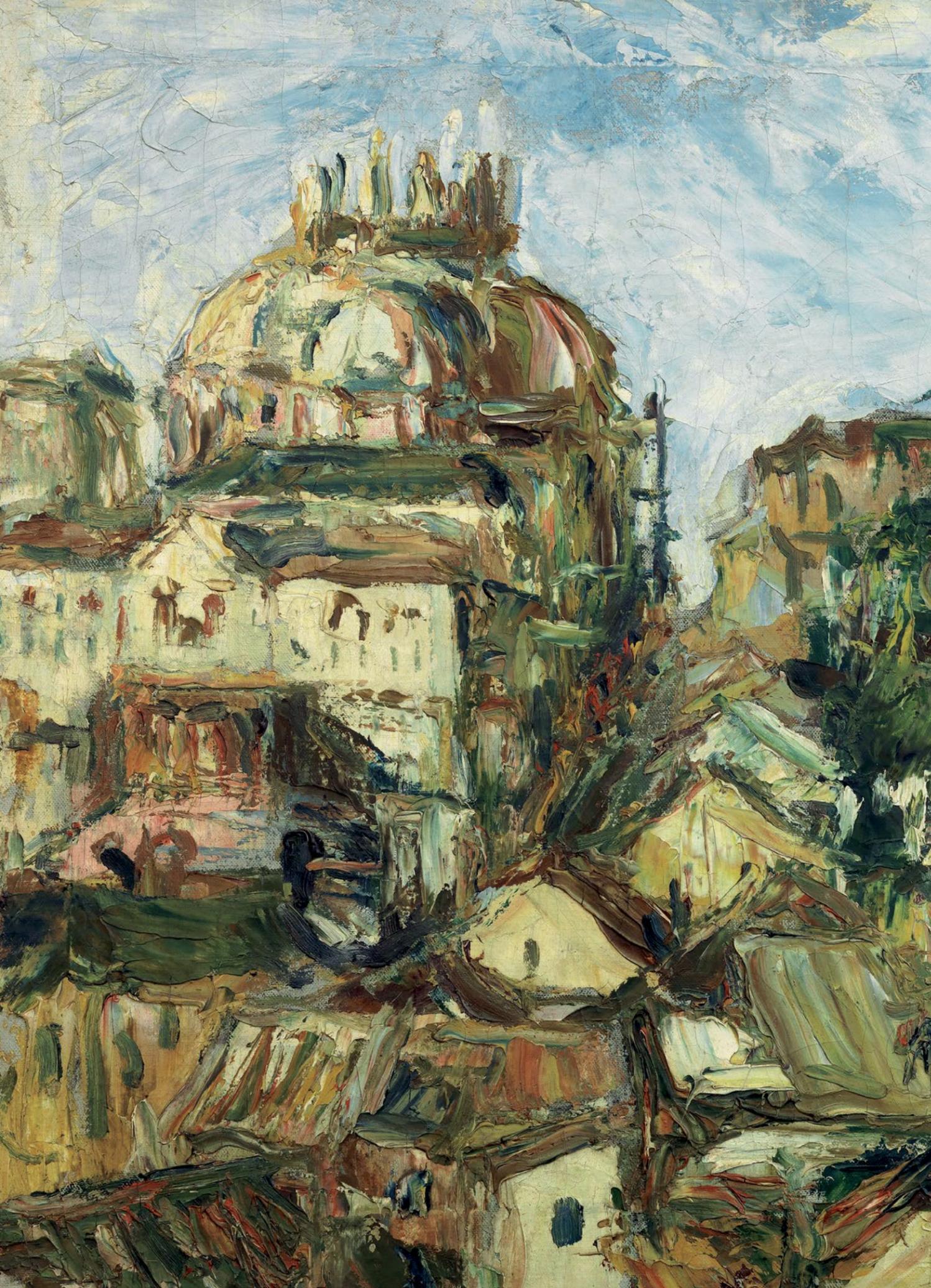
# IBERÊ E PORTO ALEGRE NO ANDAR DO TEMPO

ORGANIZAÇÃO  
EDUARDO HAESBAERT  
GUSTAVO POSSAMAI



PORTO.  
ALEGRE!  
PROGRAMAÇÃO COMEMORATIVA  
ANIVERSÁRIO DE PORTO ALEGRE

12 de março a 31 de julho de 2022



## IBERÊ E PORTO ALEGRE

A exposição que agora se apresenta, transpira, primeiramente, a importância de um grande museu. Boa parte das 38 obras de Iberê, retratando paisagens da cidade de Porto Alegre, são pouco conhecidas dos admiradores das artes e do grande público.

Assim, um acervo amplo e organizado, pensado por um bom trabalho de pesquisa e contextualização, é fundamental para que uma revelação desse porte brote e se corporifique. O que nos leva a outro ponto essencial, pois essa combinação de fatores apenas emerge se políticas de acervo existem, amparadas em mecanismos de financiamento de longo prazo. Um bom museu e um acervo relevante, bem aproveitado por curadorias inteligentes, requerem tempo e dedicação. Uma exposição como a que vemos agora não se faz de um dia para o outro, sendo o desdobramento visível de um longo trabalho silencioso de base. Estão de parabéns a Fundação Iberê e todos os seus mecenas e apoiadores.

Cidades tornam-se mais amigáveis e agradáveis para seus habitantes e mais atraentes para investidores e visitantes quando carregadas de sentido, quando exalam e transmitem valores. Ora, esses valores estão significados em pontos, nichos de excelência, que se condensam, precisamente, nos acervos artísticos, históricos e culturais. É rica, portanto, em possibilidades, a cidade que os têm em profusão e qualidade.

Muitos dos trabalhos expostos imprimem a preciosidade do instante – são as chamadas “manchinhas”, que o artista engendra fora do atelier, em contato direto com o ambiente, fruindo o momento. Essa espontaneidade está relacionada à diversidade de técnicas empregadas, pois além do óleo sobre tela, que projetou a fama de Iberê, desfilam a sutileza e a leveza do guache, do grafite, do pastel e do lápis sobre papel.

Nas peças aqui elencadas, conhecemos um Iberê algo diferente daquele consagrado pelas vigorosas pinceladas carregadas de tinta e potência expressionista. Vemos um Iberê que se debruça sobre as paisagens do entorno e que marcaram muito especialmente a Porto Alegre que viveu nos anos 1940/50 e 1980.

Se a cúpula da catedral, com 65 metros de altura e 18 metros de diâmetro, merece destaque, é porque, descortinando como que um cenário de ópera, se tratava de uma novidade importante, já que estava sendo concluída – a inauguração provisória da nave principal foi em 1948. Antes da verticalização que marcou edificações circundantes, a cúpula podia ser divisada de muitos ângulos diferentes, imperando sobranceira sobre o panorama da área central.

A Usina Termoelétrica da Volta do Gasômetro, inaugurada em 1928, figura cuspidando fumaça negra, repleta de fuligens, por sua chaminé de 117 metros. Verte-se aí a forma decisiva como esta arquitetura industrial eloquente imantava a paisagem.

Os velhos sobrados que se acomodavam ao redor dos prédios principais parecem compor, na visão de Iberê, um bailado pictórico, de formas geométricas que se entremisturaram para propor um vislumbre pacífico e afetivo. O Guaíba acomodado no horizonte nos conduz a um tempo em que a cidade vivia intensamente a proximidade com o fluxo cambiante das águas, antes de se erguerem as barreiras interpostas pela verticalização. O verde ao fundo, ou se imiscuindo em meio aos casarios, fala da essência de uma urbe que respirava em pátios arborizados e que até hoje rejeita o espírito de uma selva de pedra, com sua população demandando a proximidade com a natureza em seus muitos parques e praças.

Os ares bucólicos de uma cidade que se urbanizava, mas preservava traços interioranos, são também captados pelo olhar sensível de Iberê, nas perspectivas que estabelece do antigo riacho, do Lago Guaíba e da vegetação ribeirinha. Trapiches e pequenas embarcações, arranjados muito próximo das casas, como na Cidade Baixa, nos guiam para o cotidiano entrelaçado com as águas, que foi perdido nos anos seguintes com as obras de canalização do Arroio Dilúvio e de aterro do Guaíba, mas que presentemente vem ressurgindo, de uma outra maneira, na esteira de novos projetos urbanísticos, como a Orla.

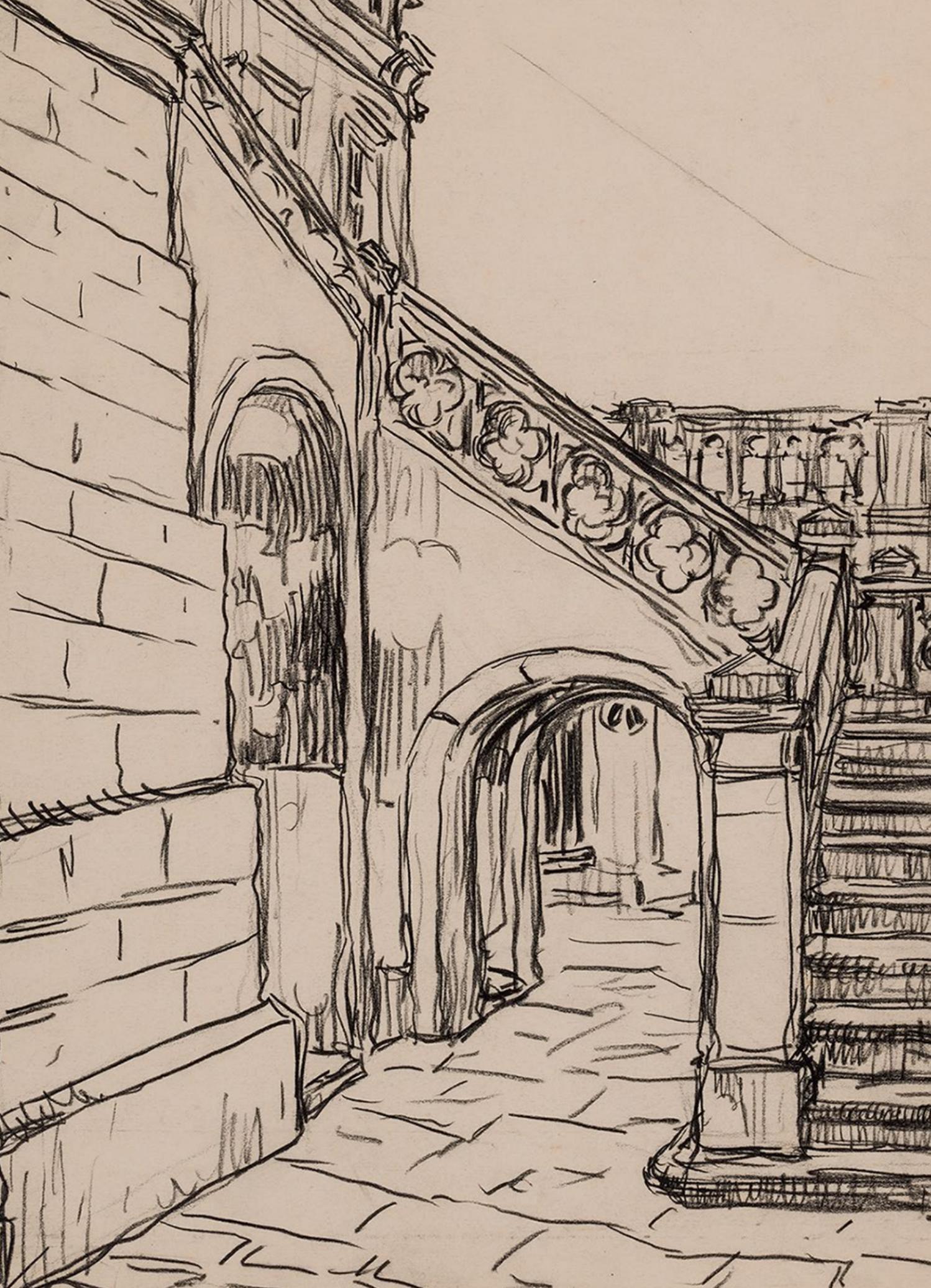
Os tipos humanos também encantam o olhar do artista, que se debruça com interesse sobre manifestações populares que nos são tão caras, como o carnaval. Nas peças datadas dos anos 1980, emergem os frequentadores do Parque da Redenção, com destaque para um desenho com esferográfica que evoca a melancolia de mendigos junto ao vetusto chafariz Conde D’Eu.

Outro desenho em esferográfica, de 1989, emana quase uma dimensão profética, ao encaixar a imponente usina do Gasômetro, que por pouco não havia sido demolida para dar lugar a uma avenida, ao lado de um singelo ciclista, suscitando a imaginação em direção às possibilidades que o futuro então emulava. Hoje, a Usina, consagrada como grande centro cultural, está cercada por parques nos quais as pessoas se exercitam, tendo a voracidade dos projetos rodoviários sido contida pelo humanismo e pela retomada da convivência da população com o Lago Guaíba.

Não escapou ao artista o espetáculo celeste diário, com sua notável explosão de cores, do célebre pôr do sol que pausa, descansa, nas margens do Guaíba. Iberê parece pressentir que o fenômeno informava a identidade do porto-alegrense e o esboça como que demandando seu tombamento como patrimônio do município. Com o tempo, foi o próprio Iberê, sua memória, sua arte excepcional que se tornaram patrimônio inescapável e definidor da cidade.

Estas e outras tantas percepções são possíveis graças à contemplação do conjunto de obras que agora a Fundação Iberê nos desvela. Um presente para a cidade em seu aniversário de 250 anos!

Gunter Axt  
Secretário Municipal de Cultura de Porto Alegre



## NO ANDAR DO TEMPO

Concebida para celebrar os 250 anos de Porto Alegre, comemorados no dia 26 de março, a exposição toma emprestado o título do livro de contos de Iberê: *No andar do tempo: 9 contos e um esboço autobiográfico*.

Mudando-se do interior do Rio Grande do Sul para Porto Alegre, em 1936, foi nesta cidade que o artista realizou a sua primeira mostra e onde conheceu a companheira de toda a sua vida, Maria Coussirat Camargo. Foi aqui, também, que cultivou grandes amizades e realizou suas últimas obras. Mesmo no período em que morou no Rio de Janeiro (1942-1982), Iberê manteve um ateliê ativo em Porto Alegre, cidade que visitava seguidamente para encontrar amigos e trabalhar, sempre inquieto na sua trajetória de artista.

A exposição apresenta um recorte do acervo da Fundação Iberê e propõe um passeio pelo olhar do artista expresso em suas obras, por alguns locais significativos de Porto Alegre, desde o Rio Guaíba, passando pela Cidade Baixa até o centro da cidade, incluindo a Ponte de Pedra, o Parque da Redenção, a Usina do Gasômetro e o pôr do sol.

O professor e pesquisador das transformações da cidade, Charles Monteiro, da PUCRS, contribui com pequenos verbetes, contextualizando e trazendo à imaginação os ambientes da época.

Mas nada disto seria possível sem a extrema dedicação e a brilhante pesquisa feita por Gustavo Possamai e Eduardo Haesbaert, guardiões permanentes da obra e da memória de nosso patrono. Obrigado a todos!

Emilio Kalil  
Fundação Iberê

## I – RIO GUAÍBA

A relação com o rio vem desde que Iberê era criança. Como seu pai era agente da viação férrea, seguidamente a família era transferida para outras localidades e, a cada mudança, Iberê sempre perguntava: “Mãe, tem rio?”

Em 1936, aos 22 anos, Iberê muda-se para Porto Alegre, onde trabalha como desenhista técnico na Secretaria Estadual de Obras Públicas, retomando os estudos à noite no Curso Técnico de Desenho de Arquitetura do Instituto de Belas Artes, o qual abandona após três anos para dedicar-se à arte.

O rio sempre foi uma fonte de inspiração para o artista, e o Rio Guaíba está em algumas de suas primeiras paisagens: “Eu acho que a gente deve viver como o rio, que se renova sempre. As águas do rio são sempre novas.”

---

O Guaíba e a navegação fluvial tiveram uma importância central no desenvolvimento do núcleo urbano de Porto Alegre, cujo porto era o centro das trocas comerciais e de defesa militar da região. A identidade urbana da cidade se constrói ao redor das atividades portuárias de importação e de exportação, com barcos chegando e partindo para vários estados do Brasil e para países do exterior.

Desta identidade comercial e localização geográfica derivaram as várias denominações pelas quais foi conhecida a nossa capital: Porto de Viamão, Porto do Dorneles, Porto dos Casais, Porto de São Francisco das Chagas, Porto de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre e, finalmente, Porto Alegre.

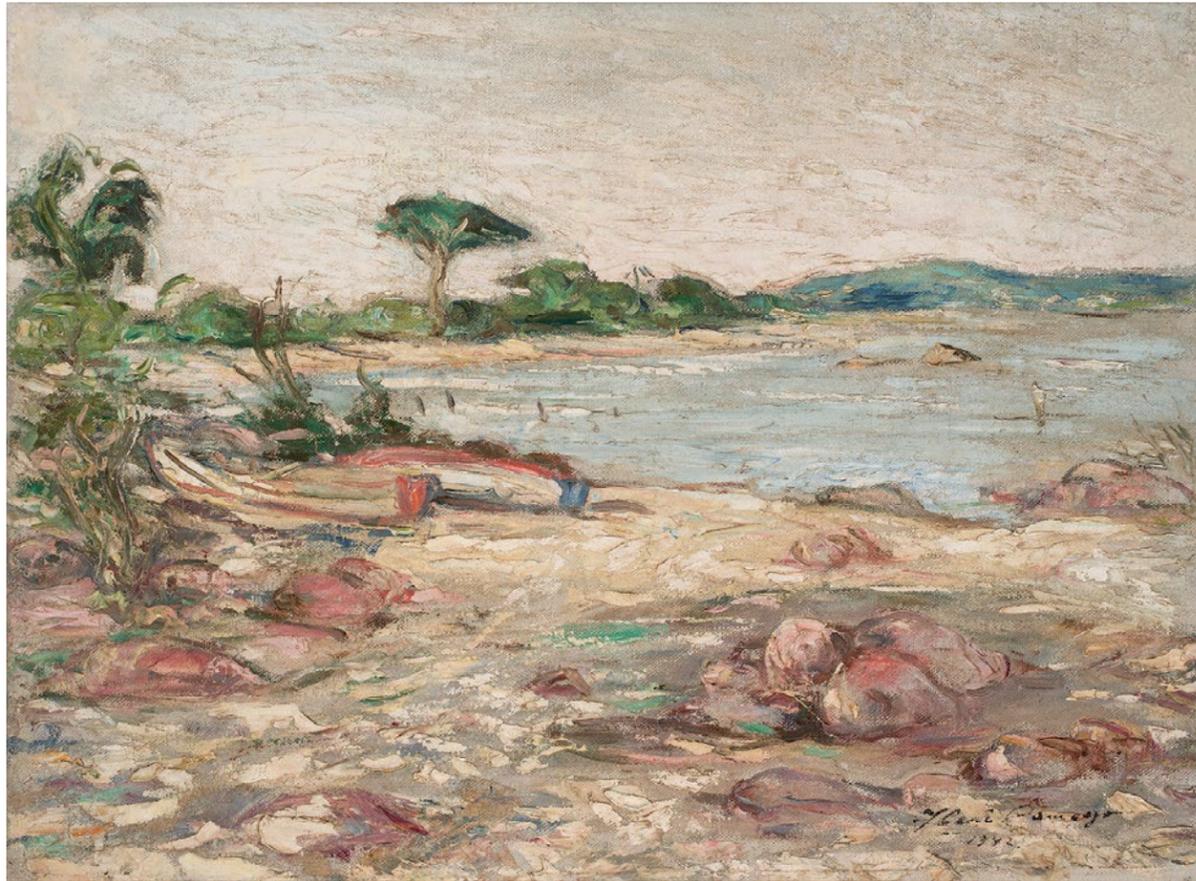
Provenientes de alto mar e navegando através da Lagoa dos Patos e do Guaíba, chegaram os novos povoadores, os homens e as mulheres escravizados, os imigrantes europeus.

As margens do Guaíba, aos poucos, vão se transformando também em lugar de lazer, de banhos e de veraneio na virada do século XIX para o século XX. Os álbuns de fotografias de família apresentam estes passeios na orla do Guaíba, na Praia de Belas, na Assunção e em Ipanema. Também os pintores começaram a sair de seus ateliês e a pintar ao ar livre, escolhendo as margens do Guaíba e seus recantos mais isolados e pitorescos como tema de seus quadros.

Hoje, o foco do debate público concentra-se no direito de todos à cidade, nos projetos de revitalização da orla do Guaíba e do antigo cais. A Porto Alegre está redescobrimdo e reinventando a sua identidade urbana em conexão com a orla do Guaíba. (CM)



sem título, c.1940 | óleo sobre tela | 34 x 42,5 cm



sem título, 1942 | óleo sobre tela | 36 x 48,5 cm



Paisagem do Guaíba, c.1941 | óleo sobre tela | 33,5 x 42,5 cm



sem título, 1940 | grafite sobre papel | 23,2 x 32,3 cm  
sem título, 1941 | grafite sobre papel | 14,7 x 21,4 cm

## URGE TOMBAR O GUAÍBA

Haveremos de aterrar o rio Guaíba, haveremos de atravessá-lo a pé, não com a separação das águas que permitiu ao povo de Israel transpor a pé enxuto o Mar Vermelho, mas com um sólido aterro, que povoaremos de altaneiros espigões, de cassinos, de parques, de piscinas, de campos de esporte para agradar e iludir o povão. Continuaremos obstinados a atravancar as ruas já estreitas com crescente número de automóveis poluidores. Contra o monóxido de carbono, usaremos máscaras coloridas, o que assenta com nossa vocação carnavalesca.

A eletricidade nós captaremos diretamente das nuvens, e o conteúdo das fossas transformaremos em vapor biodegradado.

Não ouviremos o barulho da megalópole, porquanto já estaremos todos surdos. Então, Porto Alegre não será mais uma cidade anã: anões seremos nós.

Iberê Camargo

Porto Alegre, 31 de outubro de 1993

## II – CASARIOS DA CIDADE BAIXA

Morador da Cidade Baixa com a esposa Maria Coussirat Camargo, Iberê realiza uma série de pinturas de paisagem às margens de um riacho que atravessa a parte baixa de Porto Alegre.

Em textos memorialísticos, o artista mostra interesse pelas sangas, águas turvas e árvores retorcidas. São desenhos e pinturas de casarios do bairro, realizados durante seu período de formação. Nessas obras, raramente se vê figura humana, apenas elementos naturais ou edificações, por vezes acompanhadas das águas que banhavam essa parte da cidade.

---

Até o início do século XX, a cidade não se estendia muito além do centro histórico. Nos primeiros arrabaldes fora do núcleo central, alguns elementos da cultura rural estavam presentes ao lado da cultura urbana moderna. As elites tinham suas casas de veraneio na Cidade Baixa, na Tristeza e em Assunção. Nos finais de semana, faziam passeios a cavalo, caçadas e churrascos nas chácaras nos arredores da cidade. Essa coexistência do rural com o urbano se explica, por um lado, pelo fato da urbanização da cidade se processar integrando e urbanizando antigas chácaras agrícolas ao tecido urbano e, por outro, pelo fato de muitos dos políticos e prefeitos serem provenientes da região da campanha e suas famílias estarem ligadas às atividades agropecuárias.

No século XIX, a Cidade Baixa abastecia parcialmente Porto Alegre de hortifrutigranjeiros e ali também existiam olarias que forneciam tijolos para as construções das casas e dos prédios da cidade; pelos matos dos fundos do casario se escondiam homens e mulheres escravizados, fugidos da exploração e da violência dos senhores; depois, ali também floresceu a cultura negra através do carnaval e das casas de religião da matriz afro-brasileira. As enchentes do Dilúvio isolavam aquelas áreas no inverno. Na Ilhota viveu Lupicínio Rodrigues e, sobre a vida ali, compôs seus famosos sambas. (CM)



sem título, c.1942 | óleo sobre tela | 59 x 69,5 cm



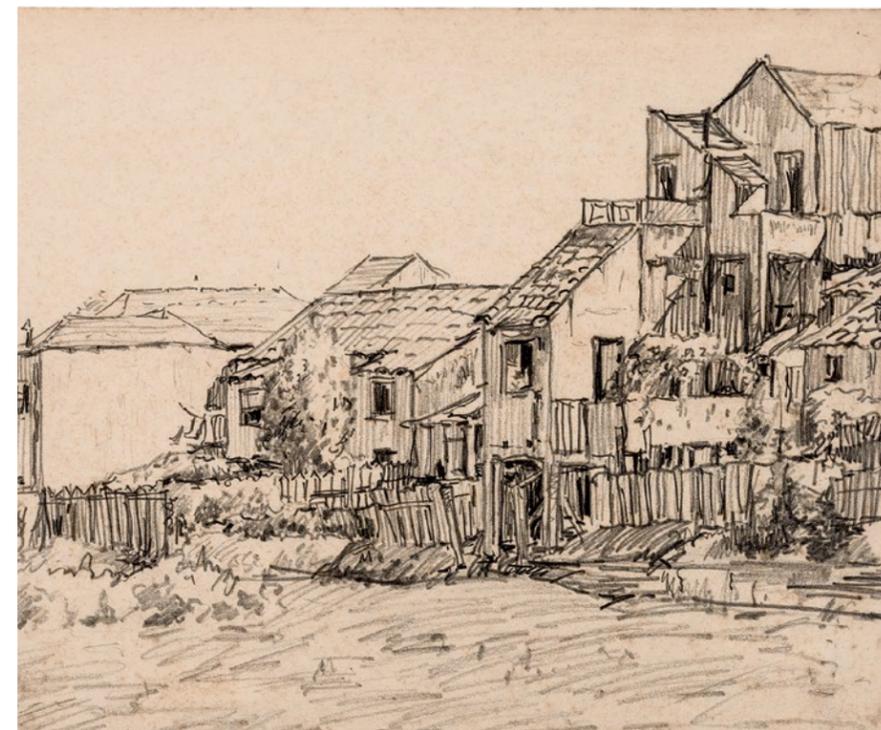
sem título, c.1941 | óleo sobre tela | 49,5 x 46 cm



sem título, 1940 | grafite sobre papel | 20,5 x 28,2 cm



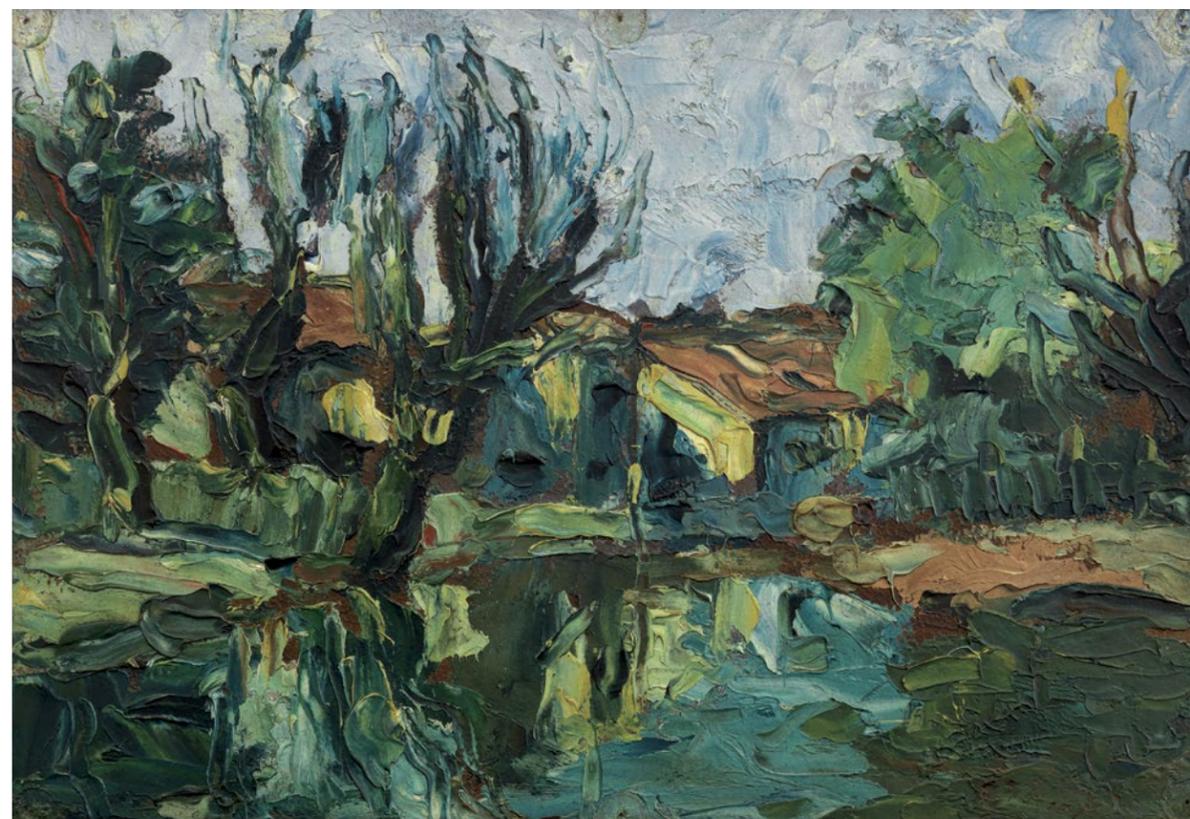
sem título, c.1942 | óleo sobre tela | 59 x 69,5 cm



sem título, 1940 | grafite sobre papel | 22,4 x 27,2 cm  
sem título, 1940 | grafite sobre papel | 21,5 x 26,3 cm



sem título, 1940 | grafite sobre papel | 22 x 27,3 cm



Paisagem, 1941 | óleo sobre cartão | 24 x 35 cm

### III – CATEDRAL E PRAÇA DA MATRIZ

No início da década de 1940, Iberê tira seu sustento da Seção de Saneamento e Urbanismo da Secretaria de Obras Públicas, desenhando praças para cidades do interior. Neste mesmo período, o artista realiza algumas paisagens do Centro Histórico de Porto Alegre, destacando a Catedral Metropolitana, com sua cúpula ainda em construção, e o aglomerado de prédios e casarios. A Praça Marechal Deodoro, localizada no coração da cidade e mais conhecida como Praça da Matriz, também aparece em seus desenhos de observação, formando um pequeno retrato da paisagem urbana central de Porto Alegre.

---

A Catedral Metropolitana, ou Igreja Matriz de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre, foi projetada pelo arquiteto italiano João Battista Giovenale, com estilo inspirado na Renascença Italiana. A obra foi iniciada em 1921, com a destruição da velha catedral colonial, e concluída apenas em 1986.

A posição privilegiada do local onde foi edificada a nova Catedral sugeriu à Giovenale a ideia de dar à cúpula um volume excepcional para que pudesse chamar a atenção e pudesse ser vista de pontos longínquos. Atrás da Catedral localiza-se a Cúria Metropolitana e o Seminário Maior. Neste local, existia um cemitério, onde foram enterrados inicialmente os habitantes da cidade. Atrás da Catedral, no Arquivo da Cúria, encontram-se também os registros de batismo dos primeiros nascidos em Porto Alegre.

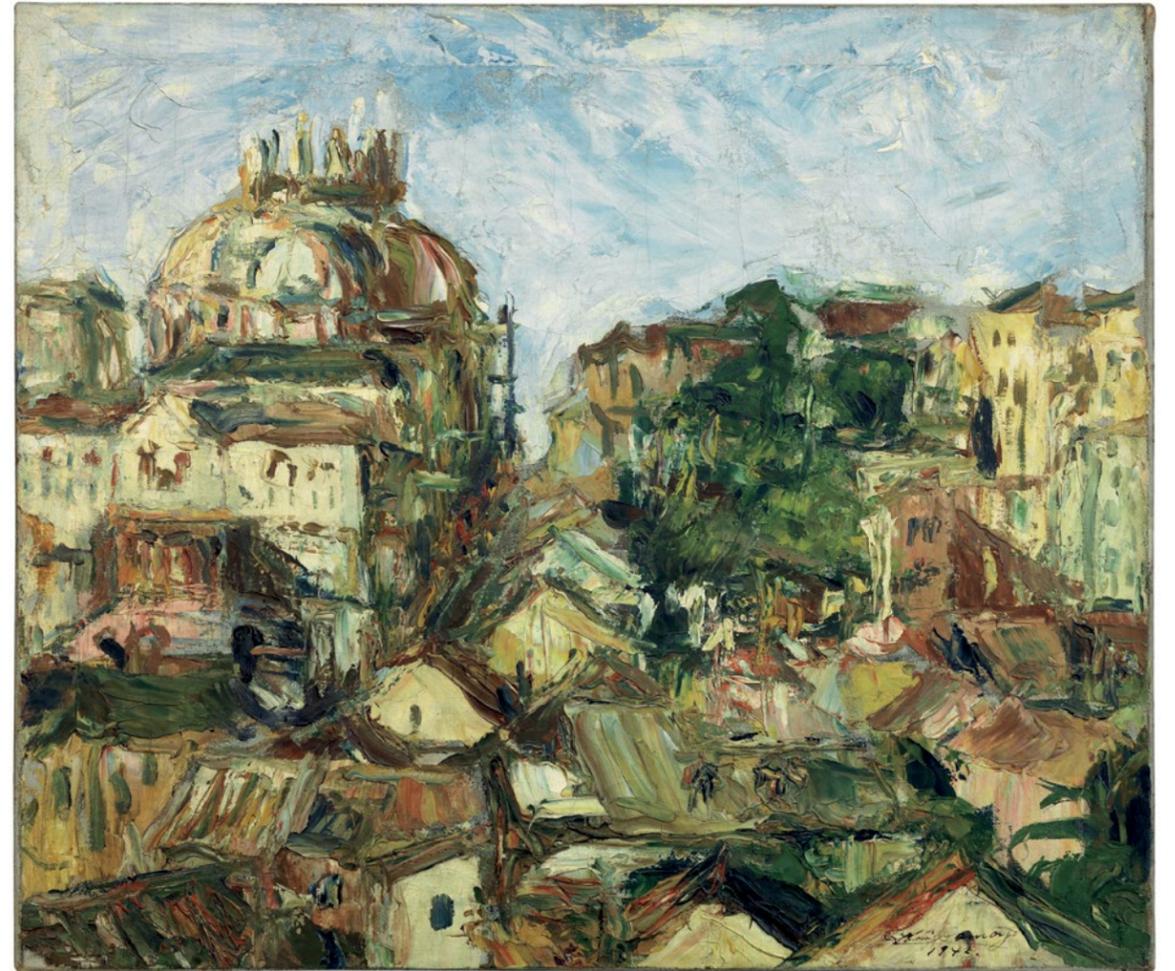
Nos anos 1910 e 1920, ocorreu a reurbanização das ruas laterais, o saneamento e o ajardinamento da Praça da Matriz. A construção de monumentos renovou o cenário urbano e embelezou a cidade. Ali situava-se o centro da vida pública da cidade com a presença dos quatro poderes: o Palácio do Governo, a Assembleia Legislativa do Estado, o Tribunal de Justiça e a Igreja Matriz. Também ali, na Rua Duque de Caxias, junto à Praça da Matriz, existiam os sobrados e os casarões das elites tradicionais, como o Solar dos Câmara. Na Praça da Matriz aconteciam as principais comemorações públicas, as crianças corriam por ali após as atividades escolares e as famílias passeavam nos fins de semana na primeira metade do século XX. (CM)



sem título, c.1942 | lápis de cor sobre papel | 22,5 x 27,5 cm



sem título, 1942 | lápis Conté sobre papel | 30,3 x 22,5 cm



sem título, 1942 | óleo sobre tela | 60 x 70 cm



sem título, 1942 | lápis Conté sobre papel | 30,4 x 22,5 cm



sem título, 1942 | lápis Conté sobre papel | 22,5 x 30,3 cm

## IV – PONTE DE PEDRA

A Ponte de Pedra, monumento histórico de Porto Alegre, cruzava um dos braços do Arroio Dilúvio e representava a única ligação entre o Centro Histórico e o Arraial da Baronesa (hoje região de um dos poucos quilombos urbanos do Brasil).

Sob essa ponte, o riacho, que, assim como o rio, guardava mistérios em suas águas e despertava a memória da infância de Iberê, banhada por sangas, riachos e rios rodeados de árvores.

---

A Ponte de Pedra, que conectava o centro histórico com a zona sul da cidade, substituiu o antigo pontilhão de madeira. Após a Guerra dos Farrapos, a cidade se expandiu para o Sul e a nova ponte melhorou muito a ligação com os novos bairros da cidade. Junto à Ponte de Pedra do Riacho Dilúvio atracavam os barqueiros, que davam um aspecto pitoresco ao local. Ela aparece nas fotografias do final do século XIX até os anos 1940, quando começa a canalização e a regularização do Riacho, alterando seu curso e secando o braço onde hoje está o Monumento aos Açorianos. Paulatinamente, foi deixando de ser uma fonte de inspiração para os poetas e pintores.

As reformas urbanas entre 1969-1974 causaram impacto na paisagem de Porto Alegre e nas formas de experienciar o espaço urbano. O ritmo acelerado de transformação e demolição de lugares de memória da experiência urbana da sociedade porto-alegrense no passado e no presente terminaram por gerar tensões e um movimento de reação às reformas, como no caso do projeto de demolição do Mercado Público. As obras para a abertura de “vias expressas”, como a I Perimetral, que cortaram em dois o antigo bairro Cidade Baixa, demolindo casas e eliminando antigas ruas, melhoraram a circulação, criando um moderno complexo viário, interligando o centro aos bairros das zonas sul e leste.

A velha Ponte de Pedra do Riacho tornou-se monumento histórico ao lado da via expressa. A ideia de preservação da ponte como monumento contrastava com as demolições de prédios, a retificação do curso do Arroio Dilúvio e a profunda transformação daquela área residencial próxima ao centro da cidade com seu casario antigo. A consciência e o movimento de preservação do patrimônio histórico tomaram corpo nesse período de rápidas transformações do espaço urbano. A Prefeitura Municipal, por pressão do meio intelectual, nomeia uma comissão para inventariar os prédios e os espaços de significação histórica passíveis de preservação, como a Ponte de Pedra. (CM)



sem título, 1941 | grafite sobre papel | 20,5 x 21,7 cm

## O RIACHO

Pouca gente conhece o antigo aspecto do Riacho, esse curso d'água poluído, que outrora corria paralelo a um velho casario ali existente, na rua da Margem, na Cidade Baixa, andando na direção do Guaíba, onde, creio, desaguava. Na época das chuvas, era, às vezes, caudaloso e, então, transbordava, alagando as ruas. Casas corroídas pelo tempo espelhavam-se em suas águas turvas, que, como os espelhos, refletem, mas, como esses, não guardam imagens. Lembro-me dos salgueiros-chorões que tocavam com seus longos ramos esse espelho baço. Canoas coloridas ancoradas às margens; outras vezes, movimentando-se preguiçosas à força de remos indolentes.

Essa visão instigou jovens estudantes de belas-artes, entre eles, Maria, minha mulher. Foi ali, à margem desse Riacho, que pintei meu primeiro quadro e onde começou nosso namoro. Com espessa pasta – a tela e as tintas eram dela – fixei a luz fugitiva dessa manhã de sol sobre aquelas águas lodosas. Árvores desganhadas, surradas pelo vento, apontam para um céu de cobalto. Plasmei essa imagem: assim começa o pintor. Não se pergunte para onde vão as águas, que andam, que andam, que nunca param e não se cansam.

Onde está a velha figueira que acompanhava a Ponte de Pedra? Uma parece que faz falta à outra. Eram companheiras. Dizem que os vegetais sentem e ouvem. Talvez amem. Se isso é verdade, eles também têm alma. Não me surpreenderia, pois, que, numa noite de lua escondida, alguém que por ali passasse visse seu fantasma, junto à ponte.

Na memória, o antigo permanece. No passar vertiginoso do tempo, o instante quer ficar. O pintor é o mágico que imobiliza o tempo. Esse casario de que falo, essas árvores desnudadas pelo inverno, esses salgueiros-chorões, essa água verdosa, com manchas de sol, todas essas coisas de que falo estão nos quadros que ali pintei. São registros, são emoções transformadas em cor. A sua realidade e a sua eternidade estão na palavra do poeta e na visão do pintor.

\*\*\*

O Riacho, com frequência, transformava-se em sala de aula – disciplina: pintura de paisagem – do Instituto de Belas Artes. Foi numa dessas excursões pictóricas, que Ritoca, uma aluna baixota e gorducha, caiu de bunda na água. Ela estava a bordo de uma frágil canoa, certamente, com o fito de obter o melhor ponto de vista para o que ia pintar. As colegas – todas mulheres – alvoroçadas acudiram. Ritoca foi salva em meio a gritos e faniquitos, puxada pelos cabelos.

Sua paleta, em forma de coração, ficou boiando entre borbulhas que subiam à superfície do fundo lodoso, recém-mexido.

\*\*\*

Essas impressões vêm de um tempo já antigo. Hoje, o Riacho é um curso d'água comportado, despolido, de águas claras, que caminha entre margens retificadas e, provavelmente, sobre leito de saibro. Foi submetido às exigências urbanísticas. A Ponte de Pedra, sua irmã, agora fora do contexto, tornou-se intrusa. Estranho ver edifícios históricos (tombados) engolidos por modernas estruturas que os fazem parecer cadáveres em sarcófagos. Essa hibridez vem do desamor pelo velho e da avidez de lucro. As contínuas reformas na nossa cidade – a cidade é a nossa casa – nos transformam em forasteiros. O progresso é uma ação de despejo em execução. Por isso, um belo dia, na temida velhice, sentimos a incontida vontade de voltar a nosso pátio, para reaver as nossas coisas que lá deixamos.

Procuramos, nesse retorno, o velho cinamomo que nos fornecia a munição – seus pequenos frutos – para as nossas guerras, a velha laranjeira onde tantas vezes nos encarapitamos, brincando de esconder, e, enfim, as coisas que compunham nossa paisagem.

Aí sentimos vontade de abraçá-las, de beijá-las, de chorar e de fazer como os gatos, que alçam a cauda e ratificam a posse. Mas aí percebemos assustados que o gato não tem mais força e que as coisas não estão mais.

Iberê Camargo

Porto Alegre, 21 de agosto de 1993

## V – CARNAVAL DE RUA

Desenhos realizados em 1942, durante o carnaval em Porto Alegre, nos quais as caras e as máscaras fantasiam um estado de alegria, em cor. Além disso, é véspera da mudança de Iberê Camargo para o Rio de Janeiro, cidade que, como cantou Caetano Veloso, abriga o “maior show da terra no meio de uma gente tão modesta.”

O entrudo do século XIX herdamos da tradição portuguesa com as suas batalhas de limões de cheiro, seringas de folha e bisnagas d’água atiradas em quem ousasse sair às ruas naqueles dias. A alegria e os excessos cometidos durante o carnaval eram considerados uma brincadeira pouco civilizada, que foi sendo substituída por práticas carnavalescas mais sofisticadas – como as praticadas na França ou na Itália – após a Proclamação da República, com seu projeto de modernidade urbana e social.

Outra tradição era o animado bloco popular do Zé Pereira, com sua zabumba e discursos cômicos improvisados com batalhas de versos, que incomodavam a vizinhança do centro e da Cidade Baixa até altas horas da madrugada. Tais práticas foram sendo controladas pelos códigos de posturas municipais, perseguidas pela polícia e, finalmente, banidas do centro da cidade.

No início do século XX, as camadas médias participavam ou assistiam às grandes sociedades carnavalescas, como a dos Venezianos e a Esmeralda, ou da Germânia, que era formada pelas elites alemã e teuta e se apresentava apenas de quatro em quatro anos. O curso carnavalesco era composto pelos desfiles de carros alegóricos e pelas batalhas de flores na Rua da Praia, que se desdobravam nos bailes de gala dos clubes.

Entre 1940 e 1942 foi oficializado e organizado pelo poder público os desfiles carnavalescos mais populares, que passaram a ocorrer no centro da cidade, na Avenida Borges de Medeiros.

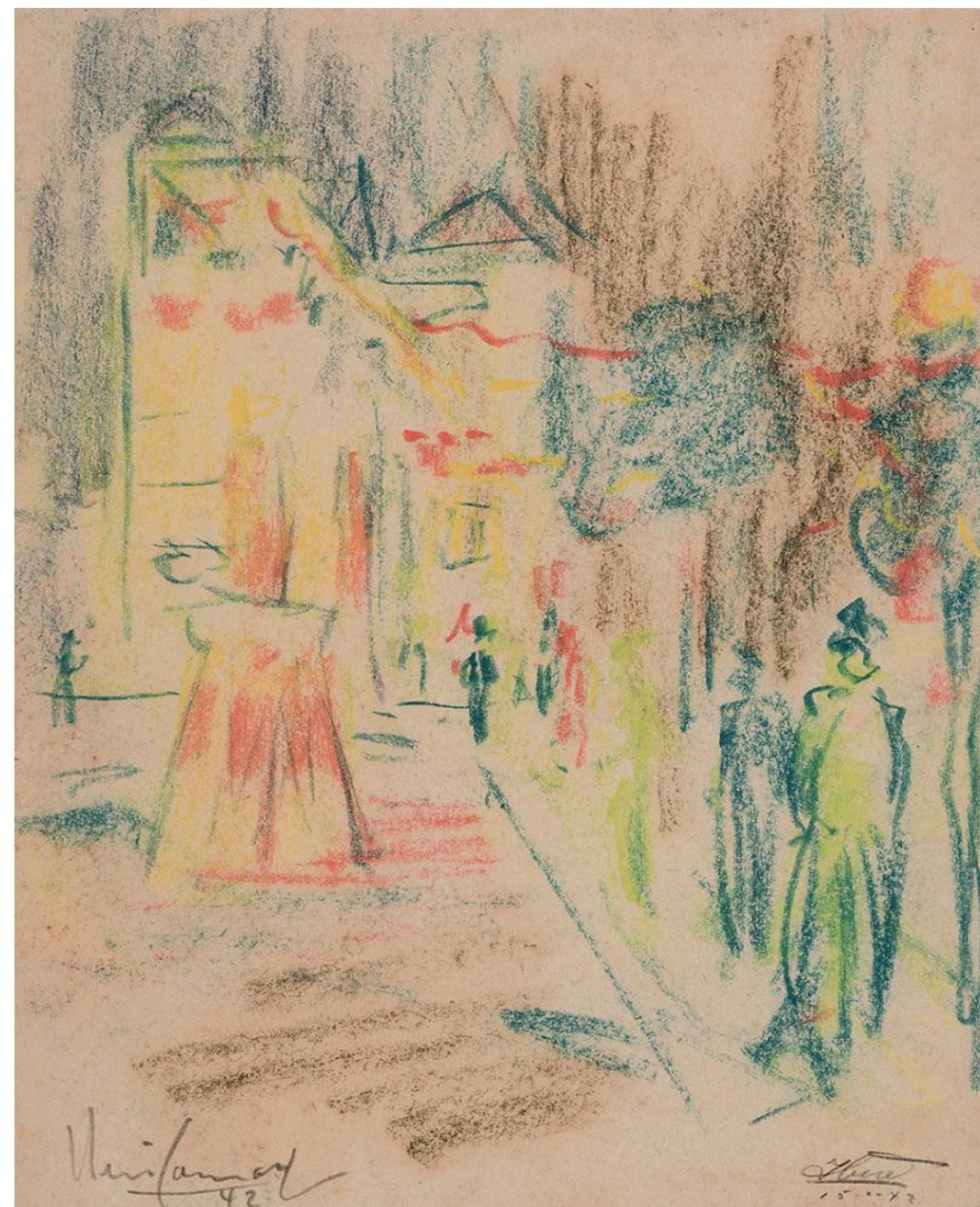
Porém, na Cidade Baixa, nas Ruas João Alfredo e Santana, sobreviveram os blocos carnavalescos populares e o carnaval de rua não-oficial, com o protagonismo da população negra das vizinhanças. Nos anos 2000, esta forma popular, espontânea e um pouco anárquica de celebrar o carnaval ocorre na Praça Garibaldi, com blocos independentes, uma alternativa ao desfile de carnaval organizado pela Prefeitura, com a participação de sociedades carnavalescas (Imperadores do Samba, Bambas da Orgia, Restinga e outras), que foi transferido para fora do centro da cidade, no Porto Seco. (CM)



O Rei Momo, 1942 | pastel seco sobre papel | 25 x 20,7 cm



sem título, 1942 | pastel seco sobre papel | 21,6 x 18,3 cm



sem título, 1942 | pastel seco sobre papel | 24,3 x 19,5 cm

## VI – A SOPA DO POBRE

Em companhia de Vasco Prado, desenha tipos de rua e empregadas domésticas em um galpão de madeira que ele construíra perto de sua casa, no bairro Cidade Baixa: “Apanhávamos os modelos na Sopa do Pobre [instituição de caridade de Porto Alegre]. Para assegurar a assiduidade do nosso estudo, contratávamos um modelo por mês.”

Esses anônimos, transpostos com potência expressiva para seus desenhos, pinturas e gravuras, logo se transformariam em arquétipos do pintor que dizia enfrentar a dor.

---

A Sopa do Pobre foi criada em 1932 por Gedeon Desessard Leite, junto à Sociedade Espírita Ramiro D’Ávila, uma das primeiras criadas em Porto Alegre. O fundador tinha viajado a Portugal, em 1922, e lá presenciou a distribuição gratuita de sopa aos pobres de Lisboa.

Pouco tempo depois, a Sociedade Espírita alugou um imóvel para sua sede na Rua Avaí nº 653, na Cidade Baixa, que, mais tarde, foi desapropriado e demolido para a construção da Avenida Loureiro da Silva, no contexto das reformas urbanas.

Posteriormente, a Sociedade Espírita Ramiro D’Ávila transferiu-se para o Bairro Menino Deus, continuando a fornecer refeições e amparo espiritual às pessoas desprovidas de condições na capital, com o apoio de voluntários e de doadores. (CM)



Retrato de Sr. Laurindo, c.1942 | óleo sobre tela | 50 x 45,7 cm



sem título, 1941/1942 | lápis Conté sobre papel | 17 x 15 cm



sem título, 1942 | lápis Conté sobre papel | 29,6 x 31,3 cm

## VII – A RUA DA PRAIA E SUAS VITRINES

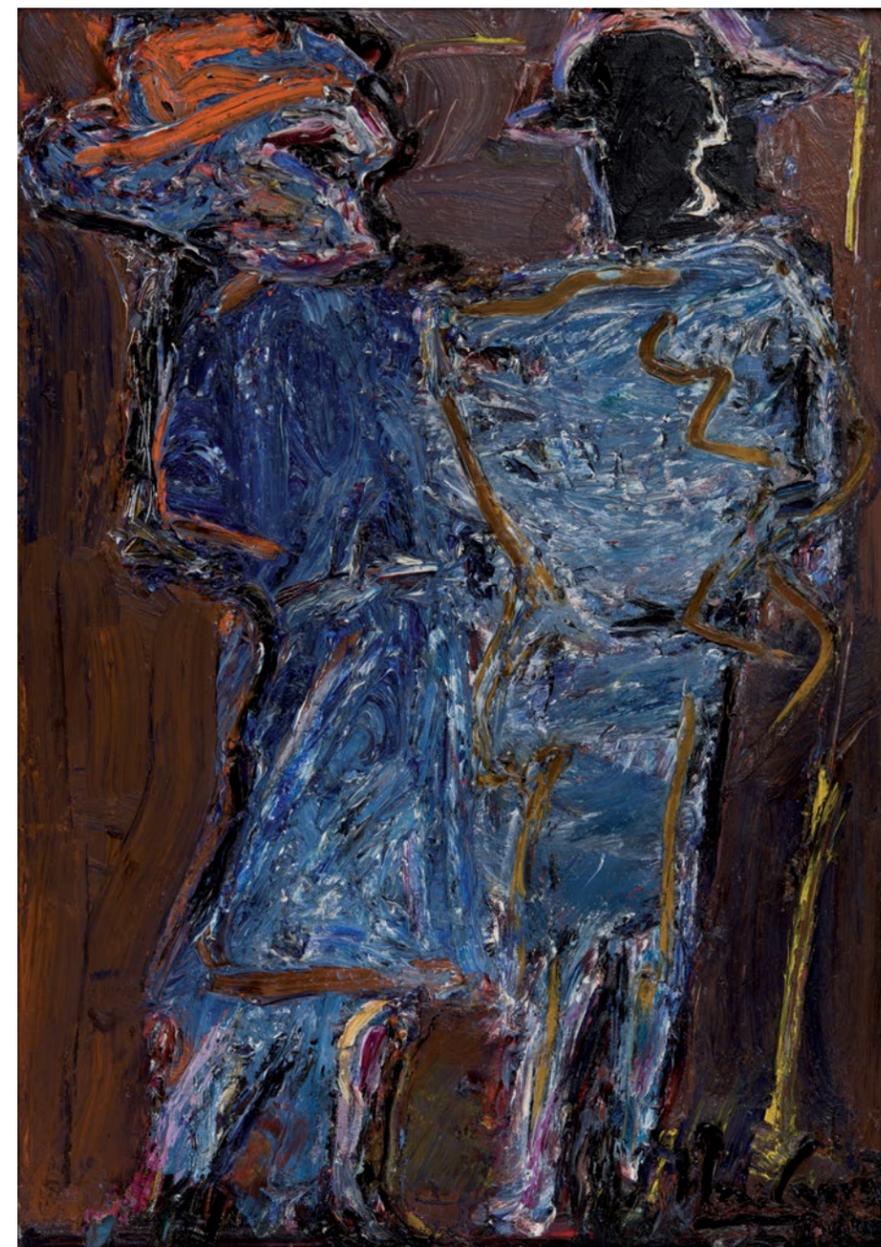
Ao retornar a Porto Alegre, em 1982, depois de viver 40 anos no Rio de Janeiro, Iberê faz caminhadas habituais pela Rua dos Andradas – também conhecida como Rua da Praia – e vê-se atraído pelos manequins expostos nas vitrines do centro da cidade, ao ponto de torná-los um dos motivos centrais de sua última produção. Reduzidos ao plástico nu ou enfeitados de uma maneira que não deixa de ser grotesca, em seu retorno à figuração, os manequins de Iberê afastam-se de qualquer busca de sedução do belo.

---

A Rua da Praia é mais do que uma simples rua, ela é, na verdade, um território com limites imprecisos, cujas margens estendem-se bem além das quadras que figuram nos mapas.

Os cafés e as confeitarias davam um caráter particular à Rua da Praia, como expressão dessa nova cultura pública urbana e de espaços característicos da identidade urbana de Porto Alegre: Confeitaria Central, Café Colombo e Café 17, entre outros. Cada um deles reunia um tipo de frequentador, com seus lugares reservados e horários definidos. No Café Colombo se reuniam os intelectuais e os políticos para beberem, fumarem charutos, debaterem e escreverem seus artigos para os jornais da capital. Na Confeitaria Central, que se localizava do outro lado da rua, em frente ao Colombo, as senhoras e jovens conversavam animadamente, enquanto tomavam chá e comiam doces e bolos. Essa parte da Rua da Praia era chamada de Largo dos Medeiros, por onde circulavam e paravam para conversar políticos, funcionários públicos, comerciantes, jornalistas, estudantes, vendedores de bilhetes de loteria, entre outros. Era um espaço de circulação obrigatória para quem queria ver e ser visto na sociedade porto-alegrense.

A Rua da Praia era a grande passarela da cidade, ali ficavam as melhores lojas – Casa Krahe, Taffet, Wollens, Alfred etc – com seus produtos exclusivos e importados. Nos anos 1980, as lojas de rua começaram a perder espaço para os centros comerciais e shoppings centers. O primeiro a abrir as portas foi o Shopping Center Iguatemi, provocando a descentralização do comércio lojista sofisticado da cidade. Novas e sofisticadas técnicas de exposição e venda de produtos, com vitrines e lojas hiperproduzidas, coloridas, iluminadas e perfumadas, ajudaram a implantar os novos tempos da sociedade do espetáculo entre nós, problematizada como “corpos lixo” – sem substância e descartáveis – na série de obras sobre manequins de Iberê. (CM)



Manequins em silhuetas, 1986 | óleo sobre tela | 57 x 40 cm

## VIII – PARQUE DA REDENÇÃO

Quando volta a Porto Alegre, Iberê reside na Rua Lopo Gonçalves, na Cidade Baixa, bairro vizinho ao Parque da Redenção. Suas idas ao parque tornam-se frequentes, tanto para a prática de caminhadas quanto para os passeios dominicais no Brique da Redenção, ao lado de sua companheira, Maria Coussirat Camargo.

Iberê realiza ali centenas de esboços e desenhos de observação, que captam a vegetação retorcida ou os mais variados tipos de frequentadores, desde os que geraram sua emblemática série *Ciclistas* até famílias e pessoas em situação de rua, como os retratados junto à Fonte Francesa do parque, gerando um testemunho do obsessivo espírito de pesquisa do artista.

---

O Parque da Redenção tem uma longa e estreita relação com a formação urbana da cidade. No final do século XVIII, os limites da cidade iam até a Santa Casa de Misericórdia, onde ficava o portão de entrada da cidade. Dali avistava-se a Várzea do Portão, onde os carreteiros estacionavam seus carroções com produtos agrícolas para abastecer a cidade, como hoje os pequenos produtores rurais fazem aos sábados na Rua José Bonifácio. Depois, foi nomeado Campo do Bom Fim, visto que ali ficava a Capela de Nosso Senhor do Bom Fim, embora ali em frente também se realizassem ritos religiosos afro-brasileiros. Posteriormente, tornou-se o Campo da Redenção, para comemorar a libertação dos escravos, em 1884. Na virada do século XIX, existiam ali um circo de touradas e um velódromo. A corrida de bicicletas era a nova febre esportiva da elite porto-alegrense.

Finalmente, torna-se o Parque Farroupilha com as comemorações da Exposição Farroupilha de 1935, que celebrou os 100 anos da Guerra dos Farrapos.

O projeto do Parque é do urbanista francês Alfred Agache (1930), e possui um grande lago, recantos temáticos, fontes, roseiral e uma grande alea central. O Monumento ao Expedicionário, com a forma de um arco do triunfo, foi construído em 1957, para homenagear os soldados brasileiros que lutaram na Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. O Auditório Araújo Vianna foi inaugurado em 1964, para apresentações ao ar livre. Ali tocaram as bandas que participaram do movimento do Rock Gaúcho dos anos 1980.

Nos anos 1970, iniciam-se as atividades do “Brique da Redenção”, com mostras de arte, artesanato, antiguidades, livros, poesia, teatro, música etc. Tornou-se um lugar de encontro dos mais diversos grupos sociais nos finais de semana, sendo disputadíssimo por candidatos a prefeito, vereador e deputado, para comícios e caminhadas, além de ser um espaço de manifestação da diversidade e da pluralidade social da cidade, de manifestação dos direitos das mulheres e do movimento LGBTQI+, entre outros. (CM)



sem título, c.1987 | grafite e lápis Stabilotone sobre papel | 24 x 31,8 cm



sem título, 1985 | grafite e lápis de cor sobre papel | 16,4 x 24,2 cm



sem título, 1985 | grafite e lápis de cor sobre papel | 16,8 x 24,3 cm



**Outono no Parque da Redenção I, 1988**  
óleo sobre tela  
65 x 92 cm



sem título, 1990 | tinta de esferográfica sobre papel | 23 x 34 cm



Mendigos do Parque da Redenção, 1987 | grafite e tinta de esferográfica sobre papel | 21,8 x 32,5 cm

## IX – USINA DO GASÔMETRO

Cartão postal de Porto Alegre, a Usina do Gasômetro fica na extremidade do Centro Histórico, às margens do Rio Guaíba, podendo ser observada desde o prédio da Fundação Iberê.

A usina representada no desenho de 1942 se parece com a do Gasômetro, como farol que demarca e identifica a paisagem.

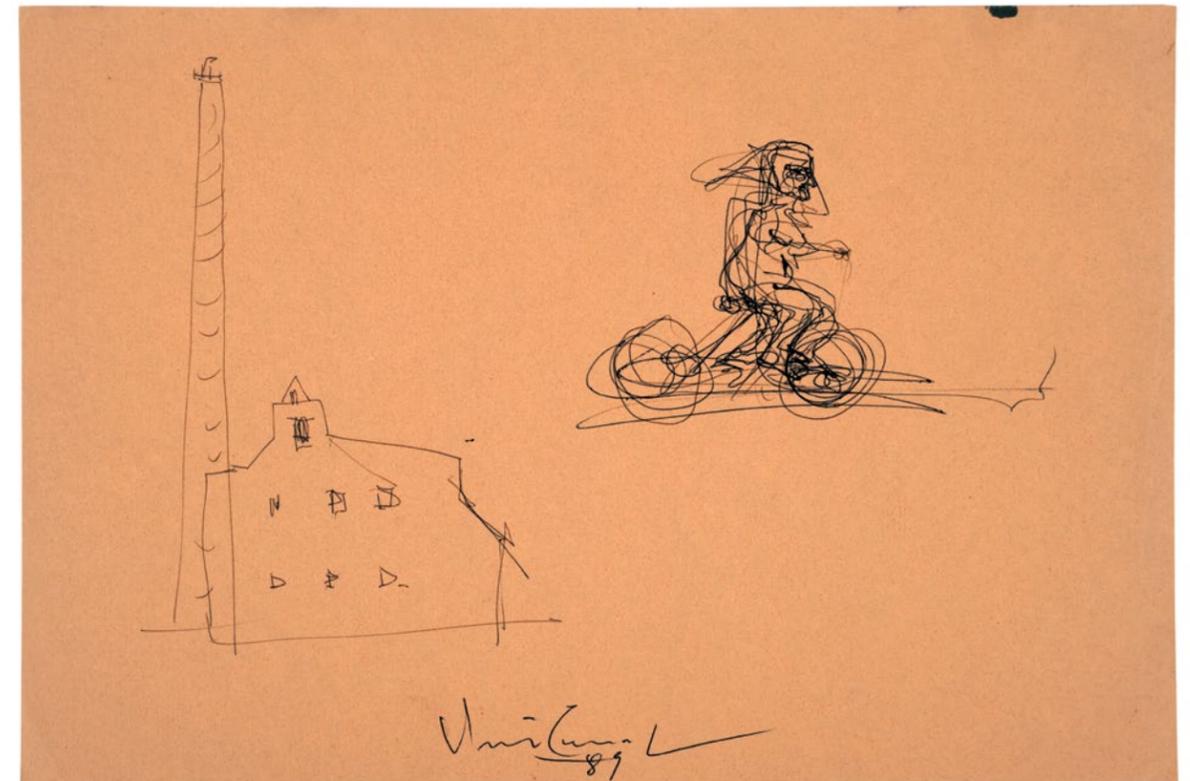
O desenho de 1990, manchado de óleo, foi usado por Iberê como fundo da obra *No vento e na terra I*, de 1991, sendo recoberto durante a produção da pintura.

---

Um dos prédios mais icônicos da paisagem litorânea da cidade de Porto Alegre é conhecido como Usina do Gasômetro, por ter sediado a Companhia Brasil de Força Elétrica até a década de 1950. Após seu fechamento, o prédio foi tombado e se transformou em um Centro Cultural.

A termoelétrica forneceu energia para a cidade até os anos 1970. Ali, atracavam os barcos com carvão e, de sua chaminé, saiam grossos rolos de fumaça. Foi desativada em 1974 e, nos anos 1990, começou a sua transformação em centro cultural, que se tornaria uma referência para a frequência da orla nos fins de semana, sendo o terraço um dos locais mais bonitos para se ver os barcos e o pôr do sol sobre o Guaíba.

O Centro Cultural Usina do Gasômetro funciona na antiga usina termoelétrica do Gasômetro, inaugurada no dia 15 de novembro de 1928, na chamada Praia do Arsenal, projetada para gerar energia à base de carvão mineral. O complexo arquitetônico recebeu esta denominação devido à proximidade com a antiga Usina de Gás de Hidrogênio Carbonado, que fornecia gás destinado à iluminação pública e ao abastecimento de fogões, construída em 1874, e que dava nome à região, que era conhecida como “a volta do Gasômetro”. Em 1974, a Usina encerra suas operações como geradora de energia e é desativada. Em 1982, o governo estadual tomba a chaminé e, em 1983, o governo municipal tomba o prédio. Passando por reformas ao longo dos anos, foi aberto à população como Centro Cultural em 1991, estando hoje novamente em processo de requalificação arquitetônica. (CM)



sem título, 1989 | tinta de esferográfica sobre papel | 23 x 34 cm



sem título, 1990 | tinta de esferográfica sobre papel | 23 x 34 cm



sem título, c.1942 | lápis Conté sobre papel | 26 x 21,7 cm

## X – O PÔR DO SOL

Ao final da vida, Iberê e Maria Coussirat Camargo moram no bairro Nonoai, na parte alta de Porto Alegre. O artista escolhe a região por ser seca, o que ajudaria a preservar sua obra na cidade famosa por seu mormaço.

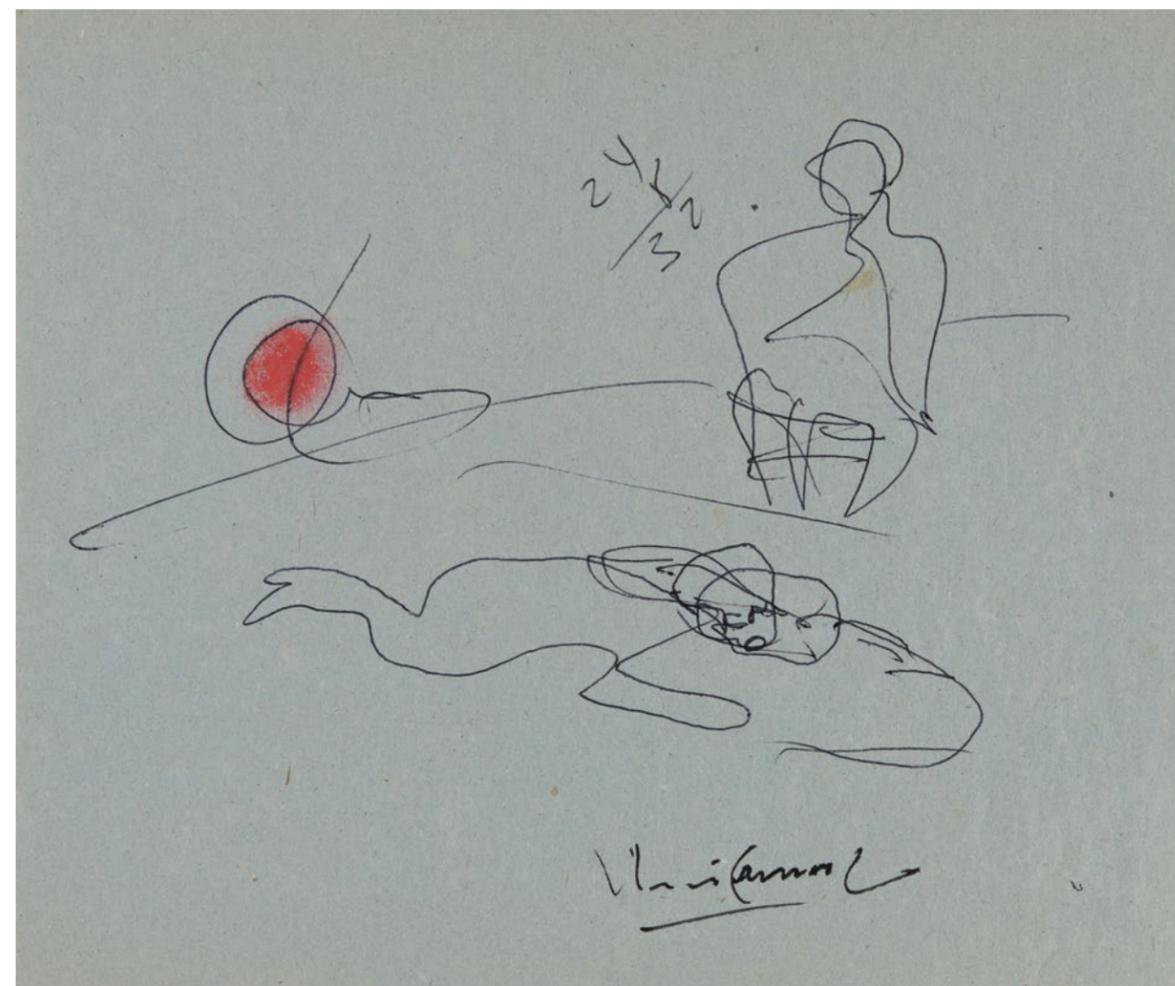
O pôr do sol visto da janela de seu ateliê inspira, por exemplo, o astro vermelho que se apresenta misteriosamente em um estudo e em um guache de sua fase final, e no alaranjado que inunda o fundo de sua última pintura, *Solidão*, realizada em 1994, ano do seu falecimento.

---

O pôr do sol sobre as águas do Guaíba torna-se um espetáculo nos outonos e nas primaveras. A vista daquela bola incandescente descendo e entrando na terra para os lados do Guaíba já foi considerada o cartão de visitas da cidade.

Segundo o memorialista Augusto Meyer em “No Templo da Flor” (1966): “O Guaíba muda de cor, de pele, de caráter, conforme a hora, a luz e o vento. Certos dias de brisa intermitente abriam no meio do espelho estradas de água achamlotada, correntezas caprichosas que cortavam os reflexos; cinzento ou plúmbeo sob o teto de nuvens, passando por todos os azuis no tempo firme, tomada de arroxeados e barrentos ao soprar o minuano, e as ondas franjadas varriam a praia, arrebrandando sobre as pedras com fúria de mar bravo”.

Na orla do Guaíba, perto da hora do pôr do sol é possível encontrar representantes das várias tribos urbanas: vendedores ambulantes, jovens e idosos fazendo exercícios, jogando bola, passeando de bicicleta, skatistas e patinadores, grupos e casais tomando chimarrão e crianças passeando de mãos dadas com os pais, entre outros, configurando um público diversificado de todas as idades e classes sociais. A convivência entre esses diferentes grupos funda um espaço democrático de convivência, reforçando o caráter público do lugar e a valorização da cidadania. (CM)



Esboço para *No vento e na terra*, c.1991 | tinta de esferográfica e lápis Stabilotone sobre papel | 20 x 23,7 cm



sem título, c.1991  
guache sobre papel  
24 x 31,8 cm

## XI – FOOTING

Datando de 1939, a fotografia ao lado registra um passeio de Iberê e Maria Coussirat Camargo pela Rua dos Andradas, no Centro Histórico de Porto Alegre. Nela, está registrada a prática do footing, como passeio pelo centro da cidade, na época local de encontros.

Já as imagens das páginas seguintes, realizadas quase 50 anos depois, são de uma rua próxima à residência do casal, na Cidade Baixa, e do Brique da Redenção, pouco depois de Iberê voltar a viver em Porto Alegre.

---

O cronista Nilo Ruschel afirma no livro “Rua da Praia” (1971) que ela era um porto do qual é possível zarpar ou no qual pode-se aportar trazendo histórias de outros lugares. Um lugar de memória de um grupo socio profissional (jornalistas, escritores, advogados, políticos) e de formas de sociabilidade de uma cultura pública urbana, que se articulava ao redor de cafés, bares, restaurantes, alfaiatarias, engraxatarias, casas comerciais, redações e hotéis do centro da cidade.

A prática do footing — do inglês passeio a pé — consistia-se num hábito das elites e camadas médias porto-alegrenses, que persistiu por décadas até os anos 1950, não apenas aqui, mas também em outras cidades do país. Ao cair da tarde, no encerramento da jornada de trabalho, as pessoas saíam à rua para o footing. Na Rua da Praia, pequenos grupos de mulheres e de homens, e até mesmo casais desfilavam em frente às vitrines das melhores lojas da cidade, olhando e sendo olhados em um verdadeiro ritual de pertencimento social. Nilo Ruschel lembra em suas crônicas dos olhares cruzados entre jovens de um lado e de outro da rua que deram origem a tantos romances e casamentos. A Rua da Praia era a grande passarela das belezas locais na primeira metade do século XX. (CM)





Página anterior: Eunice, Maria Coussirat e Iberê Camargo na Rua da Praia, 1939  
Ao lado: Iberê e Maria Coussirat Camargo na Rua Lopo Gonçalves, 1985  
Acima: Maria Coussirat e Iberê Camargo no Brique da Redenção, 1984  
Página seguinte: Iberê Camargo na Rua da Praia, 1986



tos de tabatinga, e os rios caminhando dentro do mato. Foi assim que fixei os cavaleiros solitários, cruzando estradas poeirentas e vazias, os ranchos deslelhados, à noite, cintilando como estrélas. Nêles se abrigavam personagens que eu identificava com os das histórias contadas por minha mãe. No mudar de pouso, corria com o vento. Cruzei e ainda cruzei com a minha fantasia as coxilhas ensombradas por rebanhos de nuvens. Cresci entre o mito e a realidade.

Em 1938 termina este bucólico período da minha juventude. Transfiri-me para Pôrto Alegre com o propósito de dar nóvo rumo à minha vida, embora não tivesse roteiro certo. Após malogradas experiências, torno-me, por concurso, funcionário da Secretaria das Obras Públicas. E encontro a minha Maria. Mas bem cedo aborreci a rotina de um escritório técnico. Fui então procurar nas mããs ensolaradas, às margens do velho riacho, a face eterna das cousas: águas verdes onde mergulham fundos de casas e árvores românticas, imagens que tremulam

## IBERÊ CAMARGO, CIDADÃO DE PORTO ALEGRE

Carta de agradecimento pelo título  
de Cidadão de Porto Alegre, 10 de agosto de 1970

Senhor Presidente Aloísio Filho, senhor Prefeito Thompson Flores, senhores Vereadores da Câmara Municipal de Porto Alegre, autoridades, senhoras e senhores — meus amigos

Foi nesta cidade, na Igreja do Menino Deus, que recebi o batismo e o nome. Meu pai, então agente da estação de Restinga Seca, minha terra natal, escolheu a capital do nosso querido Rio Grande como primeiro marco da minha humanização. A ela retornei com cinco ou seis anos de idade, para levar comigo duas recordações incanceláveis: uma pequena zebra no topo de uma coluna, no Jardim Zoológico do Ganzo, e uma baratinha vermelha, cujo ocupante jamais poderia pensar que a sua passagem ficaria para sempre nos olhos de uma criança.

As indeléveis impressões da infância são fermentos das nossas fantasias. Elas são as sementes da criação. Essas eu colhi na minha infância de nômade no interior do Rio Grande: Jaguari, Erechim, Canela, Boca do Monte e Santa Maria, cidades onde meus pais levaram vida laboriosa de ferroviários.

Foi assim que absorvi o silêncio e a tristeza da campanha; foi assim que interiorizei os cerros de pedra com os seus fabulosos tesouros enterrados — sempre desejei ter um cerro para mim—, os banhados, as mangas com os seus leitos de tabatinga e os rios caminhando dentro do mato.

Foi assim que fixei os cavaleiros solitários, cruzando estradas poeirentas e vazias, os ranchos dos lenhadores, à noite, cintilando como estrelas. Neles se abrigavam personagens que eu identificava com os das histórias contadas por minha mãe. No mudar de pouso, corria com o vento. Cruzei e ainda cruzei com a minha fantasia as coxilhas ensombradas por rebanhos de nuvens. Cresci entre o mito e a realidade.

Em 1938 termina este bucólico período da minha juventude. Transferi-me para Porto Alegre como propósito de dar novo rumo à minha vida, embora não tivesse roteiro certo. Após malogradas experiências, torno-me, por concurso, funcionário da Secretaria das Obras Públicas. E encontro a minha Maria. Mas bem cedo aborreci a rotina de um escritório técnico. Fui então procurar nas manhãs ensolaradas, às margens do velho riacho, a face eterna das coisas: águas verdes onde mergulham fundos de casas e árvores românticas, imagens que tremulam sob o dorso de canoas coloridas. Eu tentava captar essa visão fenomenológica. Descobrimos esta mágica realidade, descobri a mim mesmo, o pintor.

Encontrado o caminho, embora o soubesse árduo, não hesitei em segui-lo com paixão. Venço, então, os obstáculos materiais que dificultam a minha caminhada, graças ao apoio de amigos dedicados, rio-grandenses ilustres: Décio Soares de Souza, o saudoso Casemiro Fernandes, o sempre lembrado Ney Câmara, Moyses Vellinho, Vianna Moog, Oswaldo Cordeiro de Farias, Ibanez Verney, Walter Peracchi Barcellos, Leônidas Garcez, Damasceno Ferreira e outros. Não quero deixar de mencionar o estímulo que recebi de Cunha Rasgado, Antônio Caringi e Fernando Corona. Corona, este bom amigo, em 1942, publicou no “Correio do Povo” uma crítica intitulada “Iberê Camargo”, caloroso incentivo a um jovem inquieto. Também não esqueço a orientação de João Fahrion e o companheirismo de Vasco Prado no nosso início comum, num atelier construído com tábuas velhas. Quero também mencionar o meu primeiro colecionador, o inesquecível amigo e ilustre médico Nino Marsiaj. Evoco aqui, com especial relevo, o nome do meu querido amigo Luiz Aranha, inteligente e generoso, a quem tanto devo a minha formação. Recordo todos aqueles que,

de um modo ou de outro, incluindo os meus pacientes modelos, pensionistas da Sopa do Pobre, participaram de minha vida de pintor. Não quero olvidar ninguém. O homem só constrói numa interdependência social.

Hoje, ao receber o honroso título de “Cidadão de Porto Alegre”, que me é concedido numa prova da generosidade desta população, da qual sois digníssimos representantes, reparto com eles esta distinção.

Porto Alegre, São Francisco do Porto dos Casais! Eu te vejo ritmo e cor. Tu te espraia como um rio em tempo de cheia sobre o verde dorso das colinas e o azul dos vales. Teus contornos, no vigor do crescimento, adentram-se sem parar no arroxeadado da distância. Gosto de perambular, sonhando, pelas tuas mais antigas ruas cheias de sol e poesia. Olaria, Varzinha, Arvoredo — Oh! A Rua da Praia dos encontros e dos namoros! Praça da Alfândega, do Portão, da Matriz... São ilhas cheias de verde e de luz. Nomes que nasceram da poesia popular e foram guardados na boca do homem, no tempo que torna as coisas sagradas. Lugares cheios de histórias... História do povo... História de gente... História simples da vida, do dia a dia em que cada um é herói, sem o saber.

O caminho e os amigos são o rasto do homem. E o rasto é a sua história. Na trilha das gerações plasmam-se o ontem e o hoje.

Cidade de Porto Alegre, perto ou distante, vejo-te refletida no Guaíba que tem feição de mar, onde todas as tardes o sol se esvai num lençol de sangue...

Agradeço aos porto-alegrenses e aos seus representantes nesta Casa a distinção que acabam de me conferir: este título de cidadania. Eu o ostentarei com orgulho, e sempre terei presente os deveres que ele impõe.

O meu muito obrigado a Porto Alegre, a seus representantes que na palavra do Vereador Alceu Collares, orador oficial desta sessão solene, tiveram expressões tão significativas para mim. Agradeço, ainda, a presença das excelentíssimas autoridades e dos meus amigos.



Iberê Camargo na Praça da Alfândega, durante a Feira do Livro de Porto Alegre, c. 1993

## IBERÊ E PORTO ALEGRE — NO ANDAR DO TEMPO

### EXPOSIÇÃO

#### Organização

Eduardo Haesbaert  
Gustavo Possamai

#### Seguro

Affinité Seguros

#### Montagem

Carlos Cristiano Gehlen Bacelar  
Paulo Mog

#### Comunicação Visual

Pomo Estúdio

#### Produção e Realização

Fundação Iberê

### CATÁLOGO

#### Textos

Charles Monteiro  
Eduardo Haesbaert  
Gustavo Possamai  
Iberê Camargo

#### Revisão de Texto

Beatriz Caillaux

#### Projeto Gráfico

Pomo Estúdio

#### Fotografias

Acervo Documental Fundação Iberê: p. 19, 61, 66  
Adolfo Gerchmann / Abril Comunicações S.A.: p. 63  
Cristine de Bem e Canto: p. 70  
Fabio Del Re\_VivaFoto: contracapas internas, p. 12,  
14, 18, 20-21, 25-26, 28-29, 31, 35-37, 39-41, 43, 46-  
47, 50-51, 53-55, 57-59  
Martin Streibel: p. 62  
Rômulo Fialdini: capa e contracapa, p. 4, 8, 11, 13,  
17, 22-23, 27, 45, 48-49  
Ruy Varela: p. 64-65

Edição 2022 © Fundação Iberê

## Fundação Iberê

### CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter  
Presidente

Arthur Bender Filho

Arthur Hertz

Beatriz Bier Johannpeter

Celso Kiperman

Dulce Goettems

Fernando Luís Schüler

Frances Reynolds

Gláucia Stifelman

Hermes Gazzola

Isaac Alster

Jayne Sirotsky

Joseph Thomas Elbling

Lia Dulce Lunardi Raffainer

Livia Bortoncello

Nelson Pacheco Sirotsky

Olga Velho

Renato Malcon

Rodrigo Vontobel

Sérgio D'Agostin

Wagner Luciano dos Santos Machado

William Ling

### Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna

Gilberto Schwartzmann

Heron Charneski

Ricardo Russowsky

Volmir Luiz Gilioli

### Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues

Diretor-Presidente

Daniel Skowronsky

Vice-Presidente

Anik Ferreira Suzuki

Ingrid de Króes

Jorge Juchem Zanette

Justo Werlang

Patrick Lucchese

Pedro Dominguez Chagas

### EQUIPE

#### Diretor-Superintendente

Emilio Kalil

#### Superintendência-Executiva

Robson Bento Outeiro

#### Secretária Executiva

Martha Oberst

#### Comunicação e Imprensa

Roberta Amaral

#### Design e Plataformas Digitais

José Kalil

#### Programa Educativo

Lêda Fonseca, consultoria pedagógica  
Ilana Machado, coordenação  
Aisha Costa, Cecília Loureiro, Esly Pereira,  
Nat Meneguzzi, Raphael Costa, Stella Fachel  
e Tristan Oliveira, mediação

#### Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert

Gustavo Possamai

#### Administrativo/Financeiro

Luciane Zwetsch

Guilherme Collovini, assistente

#### Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

#### Gestão do Site e TI

Machado TI

#### Produção

Thiago Araújo

Fernanda Queiroz Alves

#### Conservação e Manutenção

Lucas Bernardes Volpatto, consultor

Arnaldo Henrique Michel, encarregado

Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

#### Catálogo e Comunicação Visual

Pomo Estúdio

#### Loja Iberê

Leonardo Martins Picoli

#### Receptivo

Laura Palma

112 Iberê e Porto Alegre: no andar do tempo / [organização Eduardo Haesbaert e Gustavo Possamai; textos Charles Monteiro]. - Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2022.

72 p.: il. color.  
Catálogo da exposição realizada na Fundação Iberê, de 12/03/2022 a 31/07/2022  
ISBN 978-85-89680-63-9

1. Artes plásticas. 2. Arte moderna. 3. Camargo, Iberê. 4. Porto Alegre. I. Haesbaert, Eduardo. II. Possamai, Gustavo. III. Monteiro, Charles. IV. Fundação Iberê Camargo.

CDU 73(81)

Catálogo na publicação: Júlia Agustoni Silva - CRB10/1788



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA. AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES.



IBERÊ NAS ESCOLAS

APOIO



REALIZAÇÃO



## MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2022

### Benemérito

JORGE GERDAU JOHANNPETER

### Platinum

EDUARDO BRAULE-WANDERLEY

### Diamante

IRINEU BOFF

### Conselheiros Mantenedores

ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEMMS  
FRANCES REYNOLDS | GLAUCIA STIFELMAN | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER  
JAYME SIROTSKY | JOSEPH THOMAS ELBLING | LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY  
OLGA VELHO | RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN  
WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING

### Mantenedores Ouro

ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | CECILIA SCHIAVON | JUSTO WERLANG  
PATRICE GAIDZINSKI | PATRICK LUCCHESI | RICARDO MALCON | SILVANA ZANON





Fundação Iberê

Av. Padre Cacique, 2000  
+55 (51) 3247 8000  
Porto Alegre/RS

[www.iberecamargo.org.br](http://www.iberecamargo.org.br)

ISBN 978-85-89680-63-9

